

## A influência do projeto social ponto de leitura Marista Sul para a qualidade de vida dos adolescentes



<https://doi.org/10.56238/chaandieducasc-003>

### Luciana Garrido Silva Borges Canuto

Discente do Curso de Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira.

### Laís Carrijo de Melo Jordão

Discente do Curso de Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira.

### Michele Carmo Teixeira

Discente do Curso de Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira.

### Adriana de Oliveira Barbosa

Discente do Curso de Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira.

### Maria Lenir do Prado

### RESUMO

Projetos Sociais podem promover mudanças positivas em comunidades de vulnerabilidade social. O Projeto Social Ponto de Leitura Marista Sul suscitou a pesquisa no sentido de apresentar os possíveis benefícios da leitura e dos debates para a qualidade de vida dos adolescentes atendidos. Foram aplicados como instrumentos para coleta de dados o teste objetivo para qualidade de vida WHOQOL-bref, um questionário sociodemográfico e entrevistas com adolescentes e famílias dos adolescentes que frequentam o projeto. A avaliação quantitativa com o WHOQOL-bref se mostrou limitada para demonstrar os benefícios que o projeto social em questão apresenta sobre a vida dos adolescentes. A avaliação qualitativa forneceu dados relevantes, como avanços na linguagem e ampliação do senso crítico, que poderão suscitar novos debates e pesquisa longitudinal.

**Palavras-chave:** Projeto Social, Adolescentes, Qualidade de Vida.

## 1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa tem como objetivo investigar a qualidade de vida de adolescentes que estão integrados em projetos sociais, em especial o Projeto Social Ponto de Leitura Marista Sul. Para delimitar a temática deste projeto, tomou-se como referência a Política Nacional de Assistência Social (PNAS) (BRASIL, 2005). Koga (2003, p. 25) afirma que:

os direcionamentos das políticas públicas estão intrinsecamente vinculados à própria qualidade de vida dos cidadãos. É no embate relacional da política pública entre governo e sociedade que se dará a ratificação ou o combate ao processo de exclusão social em curso.

Entende-se que é de vital importância para o desenvolvimento de uma sociedade saudável garantir a qualidade de vida da população. Diante do crescimento de projetos sociais – muitas vezes regidos por Organizações não-governamentais (ONGs) – voltados para o público adolescente e cujo objetivo é impactar de alguma maneira o pensamento, bem como as atitudes dos participantes, surge a



hipótese de que os projetos sociais promovem qualidade de vida ao público atendido. Coube, portanto, fazer uma investigação sobre as influências que tais projetos têm frente às demandas sociais.

No contexto atual das comunidades, são perceptíveis as atitudes e comportamentos problemáticos dos adolescentes frente às normas sociais. A relevância da presente pesquisa esteve justamente ligada aos níveis de influência que o Projeto Social Marista Sul exerceu sobre o pensamento dos adolescentes, promovendo qualidade de vida, bem como sobre a comparação entre grupos de adolescentes que participam de projetos sociais e grupos que não participam, por meio da aplicação da escala para qualidade de vida, WHOQOL-bref.

A pesquisa também se valeu da análise qualitativa dos dados coletados em entrevistas. As entrevistas foram aplicadas nos adolescentes e famílias que frequentam o Projeto Social Ponto de Leitura Marista Sul, trazendo importantes dados subjetivos. Quanto à sua finalidade, a pesquisa aplicada foi de natureza experimental, com abordagens quantitativa e qualitativa.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

Muitos são os projetos sociais voltados para jovens, com vistas a melhorar sua condição de vida e a propiciar sua autonomia e protagonismo frente às demandas sociais. Saviani (2005, p. 28) considera, ainda, que as instituições são naturalmente sociais e que “para satisfazer às necessidades humanas as instituições são criadas como unidades de ação”. E continua trazendo algumas acepções advindas da originalidade da palavra “instituição”. O autor menciona a ideia de ordenamento e articulação do que estava disperso e, também, a própria prática de educar, ensinar.

O projeto social pontua que uma das necessidades humanas é expressar os sentimentos e as emoções, trazendo à tona as concepções de espaços investigativos e a forma como a tal instituição executa esta necessidade, através de ações que possibilitam o manuseio de discussões, da arte, literatura, música, entre outros (ROCHA; KASTRUP, 2008). O Projeto Social Ponto de Leitura Marista Sul promove debates a partir de leituras frente às vivências dos adolescentes atendidos. Leitura e debates compõem um cenário social, cujo objetivo é dar voz aos leitores, não como expectadores no ato de ler, mas como sujeitos de direitos.

Para Freire (2008) o alfabetizando é um sujeito criador no ato de ler, pois participa de um processo ativamente. Para o autor, o ato de ler uma palavra em um texto está dinamicamente ligado à leitura de mundo que cerca o leitor, isso promove consciência crítica e atitude crítica, objetivos do Projeto.

### 2.1 ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um período de transição da infância para a idade adulta e esta transição é marcada por grandes mudanças no domínio físico, cognitivo, social e emocional do sujeito



(EISENSTEIN, 2005). Para a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1989), a faixa etária compreendida entre 10 e 19 anos é chamada adolescência. A adolescência “é um tempo de descobertas que se caracteriza por profundas e abrangentes mudanças nos aspectos físicos e psicológicos, com repercussões individuais, familiares e sociais” (LIRA; DIMENSTEIN, 2004, p. 37-45).

Segundo Knobel (1991), durante a adolescência o indivíduo deve reformular conceitos sobre si mesmo, procurando estabelecer uma identidade adulta. Para isso ele irá experimentar diversos papéis e realizar diferentes lutos simbólicos (corpo infantil, bissexualidade, separação dos pais). Em função disso, algumas características psicológicas podem aparecer de maneira mais acentuada no comportamento adolescente, tais como a impulsividade, o imediatismo, a onipotência e as perdas decorrentes dos lutos simbólicos a serem realizados.

Brêtas *et al.* (2008), em seu trabalho realizado com adolescentes do Município de Embu, São Paulo, dizem que dentre as experiências vividas pelo processo de adolecer a elaboração dos lutos é certamente a mais vivida. Segundo os autores temos: luto pelo corpo infantil, pelos pais da infância, pela bissexualidade, o que se reflete na saída da dependência dos pais para a independência adulta. Assim, o adolescente buscará identidade também fora do ambiente familiar, o que exige muita elaboração de sua parte, culminando com a definição de seu papel na sociedade.

A adolescência normal, conforme Aberastury e Knobel (1981) é um momento da vida culturalmente reconhecido, fisicamente marcado por mudanças que são inclusive neurológicas e influenciam seu comportamento, além de ser um momento muito angustiante para os pais. Agrega certo grau de patologia conforme os autores, pois a estabilização da personalidade não é uma caminhada fácil, consideradas as exigências e cobranças pelas quais passa o adolescente.

Os adolescentes entram, conforme Papalia e Feldman (2013) no estágio de desenvolvimento que Piaget chamou de *operatório formal*. Nesse momento de seu desenvolvimento conseguem desenvolver habilidades para pensar em termos abstratos. As autoras salientam que nem sempre o adolescente consegue entrar nesse estágio de desenvolvimento, sendo que por meio de perguntas e estratégias esse raciocínio pode ser ensinado e aprendido.

Em Rego (1995) temos que a interação social ocupa lugar de muita importância no desenvolvimento humano. A autora salienta que o desenvolvimento está intimamente relacionado ao contexto histórico e cultural do indivíduo por meio de um processo dinâmico e dialético. Rego (1995) elabora suas concepções subsidiada por Vygotsky, que discute o uso da linguagem presente nas relações entre os indivíduos, afirmando que ela promove a inserção da criança (incluímos o adolescente) nas práticas sociais historicamente construídas e incorpora formas de comportamento consolidadas pela experiência humana.

O papel das interações no desenvolvimento dos sujeitos criança e adolescente é desenvolvido por Vygotsky (1999) ao elaborar o conceito de *zona de desenvolvimento proximal*. Nesse sentido, fala,



leitura e escrita se constituem instrumentos tanto de estímulos ao raciocínio lógico, como lugar de exercer a atitude política ao afirmar a própria palavra, conforme em Freire (2008).

Para o autor, com parceiros mais experientes e por meio das interações sociais, a criança avança de seu nível de desenvolvimento real para o nível de desenvolvimento potencial, quando acontece o aprendizado mediado pelo companheiro mais capaz, através da linguagem. A linguagem é um fazer cultural e humano e por meio dela se elaboram conceitos e são feitas abstrações cada vez mais complexas, pois:

Senna e Dessen (2012), ao discorrer sobre a adolescência contemporânea, reconhecem a importância das interações sociais no desenvolvimento dos adolescentes, que na perspectiva bioecológica e holística proposta em Bronfenbrenner, podem produzir tanto competências, como disfunções ao desenvolvimento do sujeito adolescente, sujeito este ativo e produtor do próprio desenvolvimento.

Observar a adolescência além dos aspectos biológicos e ambientais, trazendo à tona aspectos culturais e sociais é garantir que esse momento do ciclo vital não seja reduzido a uma classe ou cultura, já que ao falar sobre adolescência deve-se considerar que faz-se necessária, assim, a presença de parceiros mais experientes na vida do adolescente que questionem e o instiguem, inclusive quanto aos aspectos morais, promovendo mediação, aprendizado social e desenvolvimento cognitivo.

Coutinho (2005) pontua a adolescência contemporânea e ocidental como um momento consolidado pelos ideais do individualismo, ou seja, um momento da vida que acontece no cenário sociocultural individualista, onde cada sujeito é responsável por administrar seu destino e encontrar seu papel dentro da sociedade, o que não acontece em tribos que marcam esse período por rituais de passagem.

Para a autora, a adolescência da nossa sociedade atual pode ser um sintoma da sociedade, no qual é valorizado o hiperindividualismo e a máxima da liberdade, que acabam enfraquecendo as relações e fortalecendo o consumismo de forma a excluir uma parcela da sociedade que vivencia esse momento da vida.

## 2.2 QUALIDADE DE VIDA DO ADOLESCENTE

Eisenstein (2005) salienta que qualidade de vida é a percepção individual que o sujeito tem de si no contexto no qual se insere, considerando a cultura e valores sociais de seu meio em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (SOARES et al., 2011).

Fleck *et al.* (2008) conceituam a qualidade de vida a partir de observações amplas sobre o indivíduo, lembrando que atribuição de qualidade e bem-estar tiveram modelos subjacentes às ideias de satisfação e funcionalista. O modelo de satisfação estaria relacionado à satisfação frente aos domínios da vida que são importantes para esse indivíduo e o funcionalista relacionado ao sentido da



palavra; o indivíduo com qualidade de vida precisaria realizar suas atividades sociais e funcionais satisfatoriamente.

Conforme estes autores, qualidade de vida “é a capacidade de um indivíduo de desempenhar as atividades da vida diária considerando sua idade e papel social” (p. 22). Nesse sentido, a qualidade salientada por eles é um conceito amplo, que mesmo estando relacionado às condições de saúde não se limita a ela, pois abrange a forma como a saúde física, estado psicológico, independência, vida social e crenças individuais interferem a percepção do sujeito sobre o ambiente.

Soares *et al.* (2011) também afirmam que a qualidade de vida envolve padrões multidirecionais, uma vez que variam conforme a história e cultura, pois reflete a forma como a sociedade se apropria das experiências ao longo da história. Fleck *et al.* (2008) contribuem afirmando que a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera a qualidade de vida como um completo estado de bem-estar físico, mental e social, superando a ideia de qualidade de vida como ausência de doença.

A respeito da qualidade de vida, Campos *et al.* (2014) concluem que esta é muito influenciada por valores humanos de amor, felicidade, solidariedade, bem como pelo fato do indivíduo estar inserido na sociedade e ter realização profissional. Em seu estudo, o autor demonstrou que os melhores escores que obteve utilizando instrumentos como WHOQOL (*World Health Organization Quality of Life Measures* - instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde) foram para adolescentes com maior empoderamento assistidos por uma instituição filantrópica. Nesse sentido, Campos (2014, p. 245) corrobora:

Os jovens precisam ser estimulados a ter uma visão crítica de si e do mundo, pois naturalmente esta é uma fase marcada por conflitos. Muitas vezes isso significa lutar contra um estereótipo social de que eles não sabem o que estão falando (...) o conhecimento pode ser uma ferramenta de transformação das estruturas (CAMPOS, 2014, p. 245).

Cruz (2010) explicita que foram propostos por Fleck (2008) alguns modelos que explicam a qualidade de vida. O modelo da satisfação considera características de vida, objetivos pessoais e sua satisfação em seus vários domínios. O modelo combinado para importância e satisfação salienta que um mesmo domínio da vida terá importâncias diferentes para pessoas diferentes, assim, instrumentos que avaliam esse domínio podem garantir a escolha de peso para os escores. O modelo ocupacional afirma que felicidade e satisfação estão relacionadas a circunstâncias ambientais e sociais para a plenitude de necessidades básicas. O modelo dinâmico salienta que, mesmo em condições adversas, o indivíduo consegue manter um nível de satisfação estável considerado por meio de atividades cognitivas e conativas.

Os modelos de qualidade de vida expressam, para Cruz (2010), o caráter multidimensional da definição e mensuração em qualidade de vida. Para Fleck *et al.* (2008) a definição de qualidade de vida melhor aceita é a da OMS. O autor também afirma três aspectos fundamentais para a garantia da



qualidade de vida: subjetividade, que varia de acordo com o julgamento de cada pessoa; multidimensionalidade, considerando que a qualidade de vida é composta por várias dimensões e a presença das dimensões positivas e negativas sobre a vida.

Segundo a OMS, a respeito da ligação entre qualidade de vida saúde e a atividade física, é possível concluir que nem todos os sujeitos têm qualidade de vida, e que é preciso se esforçar para obtê-la.

Pires *et al.* (2012) no estudo realizado em adolescentes modelos profissionais e não modelos com o instrumento WHOQOL apresentaram dados compatíveis para uma qualidade de vida semelhante entre as adolescentes modelos e não modelos.

Bueno, Strelbov e Câmara (2010) apresentam, por meio de estudos realizados em uma amostra transversal de adolescentes, a relação entre a qualidade de vida, sexo, autoestima, satisfação e grupos formais. Em sua pesquisa demonstraram como a participação nos grupos formais pode ser indicativo positivo no sentido de promover saúde e qualidade de vida aos adolescentes que deles se beneficiam.

### 3 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa exploratória, com o objetivo de identificar evidências sobre a importância dos projetos sociais em localizações de vulnerabilidade social. Para a identificação dessas evidências, foram utilizadas ferramentas para análise quantitativa, qualitativa por meio de análises às entrevistas, pesquisa bibliográfica e de campo. As bases de dados utilizadas foram a *Scielo*, *Biblioteca Virtual de Saúde BVS* e *Google Acadêmico*. O universo da pesquisa foi um grupo de adolescentes do Setor Marista Sul, em Aparecida de Goiânia. A população são os jovens que participam de projetos sociais na mesma região. A amostra contou com dezoito adolescentes, dez participantes do projeto Ponto de Leitura Marista Sul e oito adolescentes que não participam como grupo de controle. O período de realização foi entre os dias 12 de agosto e 25 de outubro de 2017.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, as técnicas e instrumentos utilizados foram questionário sociodemográfico e aplicação do WHOQOL-bref. A pesquisa não ofereceu riscos aos adolescentes, não ofendeu, não agrediu a sua integridade emocional, física, psíquica, moral, intelectual e espiritual. Os benefícios incluíram a compreensão sobre a importância que o Projeto Social tem frente ao desenvolvimento dos adolescentes em diferentes aspectos, bem como sobre a preparação para a vida adulta.

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram registrados em planilha eletrônica Microsoft *Excel*. Criou-se um banco único, analisado com aplicação do programa IBM *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 23. A caracterização dos grupos de intervenção e controle foi realizada por meio de tabelas de contingência



aplicando o teste do Qui-quadrado. A parametricidade dos dados foi realizada por meio do teste de Shapiro-Wilk. A confiabilidade do questionário WHOQOL-bref foi testada calculando-se o Coeficiente Alfa de Cronbach ( $\alpha$ ) para verificar a consistência interna do instrumento para a amostra estudada (CRONBACH, 1996). A comparação dos domínios do WHOQOL-bref entre os grupos foi realizada por meio do teste  $t$  de Student enquanto que a análise considerando os itens individualmente foi realizada por meio do teste não paramétrico de Mann-Whitney.

Tabela 1. Caracterização do perfil sociodemográfico dos grupos intervenção e controle.

Perfil do grupo	Grupos n (%)		Total	P
	Intervenção (55,6)	10 Controle (44,4)		
<b>Idade</b>	15,2 ± 2,4	13,6 ± 1,5	14,5 ± 2,2	0,12*
<b>Sexo</b>				
Feminino	5 (50,0)	3 (37,5)	8 (44,4)	0,59**
Masculino	5 (50,0)	5 (62,5)	10 (55,6)	
<b>Cor/Raça</b>				
Branca	2 (20,0)	0 (0,0)	2 (11,1)	0,36**
Negra	4 (40,0)	5 (62,5)	9 (50,0)	
Parda	4 (40,0)	3 (37,5)	7 (38,9)	
<b>Religião</b>				
Não	3 (30,0)	4 (50,0)	7 (38,9)	0,39**
Sim	7 (70,0)	4 (50,0)	11 (61,1)	
<b>Qual religião</b>				
Católica	4 (66,7)	2 (66,7)	6 (66,7)	0,99**
Evangélica	2 (33,3)	1 (33,3)	3 (33,3)	
<b>Escolaridade</b>				
Ensino fundamental	4 (50,0)	2 (28,6)	6 (40,0)	0,45**
Ensino médio	4 (50,0)	4 (57,1)	8 (53,3)	
Ensino superior	0 (0,0)	1 (14,3)	1 (6,7)	
<b>Renda familiar</b>				
Até um salário	3 (30,0)	3 (37,5)	6 (33,3)	0,89**
Até dois salários	5 (50,0)	4 (50,0)	9 (50,0)	
Acima de três salários	2 (20,0)	1 (12,5)	3 (16,7)	
<b>Pratica atividade física</b>				
Não	7 (70,0)	2 (25,0)	9 (50,0)	0,06**
Sim	3 (30,0)	6 (75,0)	9 (50,0)	
<b>Possui alguma doença</b>				
Não	9 (90,0)	8 (100,0)	17 (94,4)	0,35**
Sim	1 (10,0)	0 (0,0)	1 (5,6)	
<b>Projeto contribuiu</b>				
Não	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	Na
Sim	10 (100,0)	0 (0,0)	10 (100,0)	

\*Teste  $t$ ; \*\*Qui-quadrado; na = não se aplica

A tabela acima descreve o questionário sociodemográfico aplicado no grupo de adolescentes, dos quais a maioria estuda em escola pública. O objetivo deste foi caracterizar a amostra bem como verificar a homogeneização do mesmo, mostrando que não há discrepância, ou seja, diferença



significativa do grupo de controle para o grupo de intervenção no que se refere aos dados sociodemográficos. Assumindo o  $p\text{-value} < 0.01$  (i.e., 99% de significância<sup>1</sup>) é possível considerar que não há diferença entre os grupos de controle e intervenção.

Entretanto, a significância de 80% é comumente utilizada em trabalhos que avaliam o comportamento humano devido à alta variabilidade e escassez de amostras, como em Schneider e Andretta (2017) e Brunes, Gudmundsdottir e Augestad (2015). Assumindo a significância de 80%, considera-se que houve discrepância entre o grupo da intervenção e o grupo de controle nos quesitos idade e prática de esportes. Em especial, tais características podem estar relacionadas com perfil dos adolescentes que decidiram entrar no projeto, dado que a amostra do grupo de controle foi selecionada de forma aleatória entre adolescentes.

Tabela 2. Resultado da comparação dos domínios do WHOQOL-bref entre os grupos intervenção e controle.

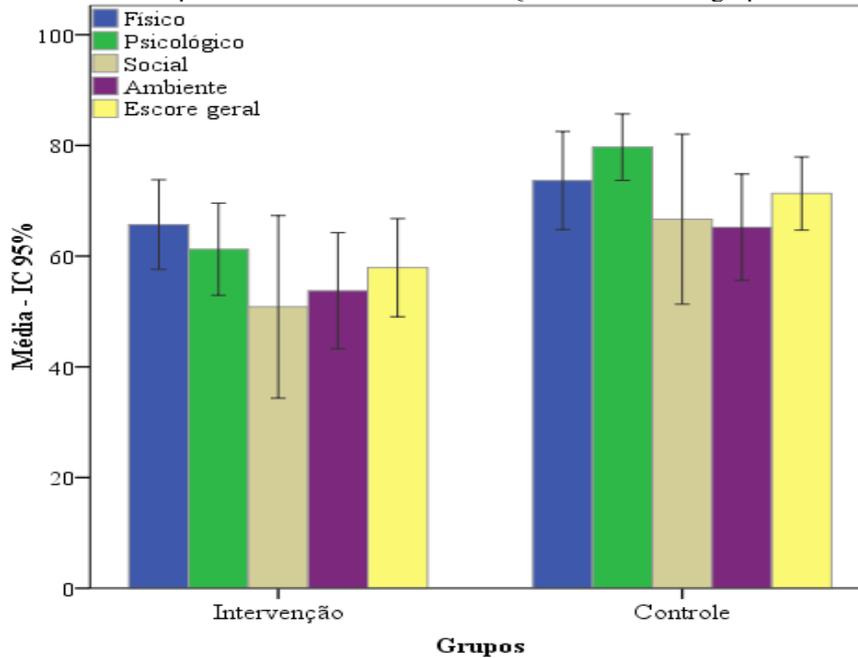
Domínios WHOQOL-bref	Grupos (Média ± DP)		Total	p*
	Intervenção	Controle		
Físico	65,71 ± 11,33	73,65 ± 10,62	69,24 ± 11,44	0,15
Psicológico	61,26 ± 11,63	79,70 ± 7,19	69,46 ± 13,48	<b>0,001</b>
Social	50,84 ± 23,05	66,68 ± 18,38	57,88 ± 22,04	0,13
Ambiente	53,76 ± 14,65	65,23 ± 11,49	58,86 ± 14,23	0,08
Escore geral	57,91 ± 12,40	71,31 ± 7,90	63,87 ± 12,41	<b>0,02</b>
*Teste <i>t</i> de Student				

A tabela 2 descreve a comparação dos domínios do WHOQOL-bref entre os grupos de intervenção e controle. Foram avaliados os perfis físico, psicológico, social, ambiente e escore geral. Este instrumento consegue posicionar qualidade de vida frente às duas tradições de sua conceituação: dos mecanismos interno biopsicológico relacionado às respostas de satisfação e gratidão com a vida e do externo que desencadeia as reações do mecanismo interno, sendo que a percepção de qualidade de vida é variável a cada indivíduo. A literatura avalia que quanto ao domínio psicológico e o escore geral houve algumas diferenças significativas entre as amostras.

<sup>1</sup> A significância de 99% significa que assumindo que não há diferença entre o grupo de controle e o grupo de intervenção, seria obtida a diferença observada (ou maior) em 1% dos estudos devido à erros de amostragem.



Figura 1. Gráfico de barras comparando os domínios do WHOQOL-bref entre os grupos intervenção e controle.



A Tabela 2 mostra que houve diferença significativa entre os resultados dos grupos de controle e intervenção, pois o grupo de controle respondeu quanto ao bem estar psicológico 79,11%, para os 61,26% do grupo de intervenção, assumindo a significância de 80%. É necessário considerar que a amostra do grupo de controle escolhida aleatoriamente tem menor idade e também pratica mais atividades físicas que o grupo de intervenção, o que pode ter alterado diretamente os resultados coletados.

Tabela 3. Resultado da comparação da qualidade de vida de modo geral e satisfação com a própria saúde entre os grupos intervenção e controle.

	Grupos n (%)		Total	p*
	Intervenção 10 (55,6)	Controle 8 (44,4)		
<b>Qualidade de vida de modo geral</b>				
Nem boa nem ruim	2 (20,0)	0 (0,0)	2 (11,1)	0,18
Boa	6 (60,0)	4 (50,0)	10 (55,6)	0,64
Muito boa	2 (20,0)	4 (50,0)	6 (33,3)	0,18
<b>Satisfação com a própria saúde</b>				
Nem satisfeito nem insatisfeito	3 (30,0)	1 (12,5)	4 (22,2)	0,37
Satisfeito	5 (50,0)	3 (37,5)	8 (44,4)	0,60
Muito satisfeito	2 (20,0)	4 (50,0)	6 (33,3)	0,18
*Qui-quadrado <i>PostHoc</i>				

A tabela 3 descreve a comparação da qualidade de vida de modo geral e satisfação com a própria saúde entre os grupos intervenção e controle. No tocante à qualidade de vida de modo geral, Fleck *et al.* (2008) salienta qualidade de vida não como ausência de doença, mas estado de bem-estar físico,



psicológico e social. “(...) É um reflexo da maneira como o paciente percebe e reage ao seu status de saúde e a outros aspectos não médicos de sua vida (FLECK et al., 2008, p. 22)”.

Há similaridade entre os resultados das tabelas 2 e 3 quanto aos escores obtidos, dando evidências que o grupo de controle se saiu melhor que o grupo de intervenção. Considerando as hipóteses depressão em adolescentes mais velhos, prática de atividades físicas e habilidades cognitivas para abstração, observa-se que o teste objetivo pareceu insuficiente para mensurar os benefícios do Projeto Social. Neste sentido, foram aplicadas entrevistas com os adolescentes e suas famílias para possibilitar a coleta de dados mais subjetivos. A **entrevista com os adolescentes** forneceu dados para a construção das categorias de significância, dadas abaixo:

Categoria 1: Atividades de sábado antes do projeto

Ad. 1	- Assistia filmes, não fazia nada e isso era repetitivo, o que me deixava entediado.
Ad. 2	- Ficava em casa vendo TV, e ia para casa da minha tia. Não havia muitos benefícios, e os prejuízos eram sedentarismo e alienação.
Ad. 3	- Ficava em casa. Não tinha benefícios e os prejuízos eram sedentarismo e alienação.
Ad. 4	- Geralmente ia em uns ensaios e depois que terminava ficava em casa
Ad. 5	- Ficava no celular.

Pode-se notar que os adolescentes antes do projeto ficavam em casa assistindo TV sem ter muito que fazer aos sábados. De acordo com Hanaver (2005), “as pessoas estão deixando de sair de casa para se divertir com amigos para ficar em frente ao computador teclando com outras pessoas”. Sendo assim, percebemos que a tecnologia sutilmente substituiu os hábitos tradicionais como a interação social, criando uma dependência à tecnologia, tendo em vista que os dispositivos eletrônicos apresentam acessibilidade rápida e fácil. Esse uso indiscriminado potencializa o isolamento do indivíduo através do sedentarismo, impedindo o desenvolvimento pleno, físico e psicológico.

Mattoso (2010) nos esclarece que a tecnologia e seus avanços compromete a saúde das pessoas, pois as mesmas assumem uma vida sedentária, a partir da velocidade das informações, visto que a comodidade reduz o interesse e empenho dos indivíduos em buscar outras possibilidades de entretenimento, ocupação, estudos e trabalho.

Categoria 2: Atividades como participante do projeto

Ad. 1	- Leio livros do meu interesse, participo dos grupos dando minha opinião e ouvindo a opinião dos outros e ajudando com a organização do projeto.
Ad. 2	- Discutimos sobre assuntos polêmicos e que na maioria das vezes requerem aceitação da sociedade. Só vejo benefícios, desde que entrei no grupo vejo o mundo de uma forma diferente (um diferente bom).
Ad. 3	- Discutimos sobre assuntos que ajudam muito, tanto em relação à vivência cotidiana, quanto na escola.
Ad. 4	- Participo do projeto, volto pra casa, se tiver algum livro pra ler, leio. Se não vejo uns vídeos de humor.
Ad. 5	- Vou aos grupos e leio livros.



Os adolescentes, depois que começaram a participar do projeto, passaram a ler mais sobre assuntos de seu interesse e a participar dos grupos. Sabe-se, conforme Freire (2008), que é exercitando o ato de ler que se aprende a ser um bom leitor, já que “se é praticando que se aprende a nadar, se é praticando que se aprende a trabalhar, é praticando também que se aprende a ler e a escrever. Vamos praticar para entender E aprender para praticar melhor (FREIRE, 2008, p. 47)”.

Ler é mais do que um processo individual, é também uma prática social, pois a leitura é muito importante para que os jovens possam ter uma visão diferente de mundo. Vale ressaltar que a formação de um leitor crítico se faz a partir do momento em que o indivíduo sente o prazer da leitura, que pode ser feita individualmente ou em grupo e contribui para o desenvolvimento do ser humano, para a transformação da sociedade e a ampliação dos relacionamentos interpessoais. Quando o jovem pratica o hábito de ler, seus sentidos e os valores que possui acerca dos fatos do mundo, acerca da vida e das pessoas, entram em contato com os valores e sentidos veiculados nos textos. E este raciocínio amplo lhe possibilita expor e ouvir opiniões acerca de diversos assuntos com outros indivíduos.

Freire (2008) mostra que ao ler é preciso pensar certo, ou seja, saber argumentar e ter sua própria opinião. Ele afirma: “quando aprendemos a ler e a escrever, o importante é aprender também a pensar certo. [...] Aprender a ler e escrever não é decorar ‘bocados’ de palavras para depois repeti-los” (FREIRE, 2008, p. 56).

Dessa maneira, o jovem que lê e interpreta cria gosto pela leitura, pois pode argumentar e compreender o que está escrito. Com este hábito revelará um desempenho melhor, pois terá condições de se posicionar frente aos fatos, acontecimentos e será capaz de selecionar os textos que atendam suas necessidades, para melhor interpretar e produzir.

Martins (1986, p. 84) argumenta que “o homem é um ser pensante por natureza, mas sua capacidade de raciocínio precisa de tanto treinamento quanto necessita seu físico para, por exemplo, tornar-se um atleta”. Para o autor as habilidades cognitivas precisam de estímulo. A leitura e os debates realizados no Projeto Social Ponto de Leitura Marista Sul tem promovido o exercício da leitura não apenas dentro do projeto, o que percebe-se nas respostas dos adolescentes. Esta atitude reflete uma postura crítica de quem aprendeu a dizer sua própria palavra, o que foi proposto por Freire (2008), bem como, promoveu o treinamento e exercício diário para ampliar as capacidades de raciocínio do grupo pesquisado.

Cada indivíduo inicialmente deve descobrir o que gosta de ler, pois independente do que se esteja lendo, a leitura oferece desafios para o cérebro. Se o indivíduo lê o que gosta, posteriormente criará um hábito de leitura e terá maior facilidade com gêneros variados. De acordo com Paulino (2001, p. 156): “as leituras, em sua diversidade, mobilizam emoções, incitam reflexões, transmitem conhecimentos, envolvendo, como se viu, diferentes saberes”.



### Categoria 3: Importância das atividades do projeto

Ad. 1	- Sim, tenho a mente aberta com coisas que antes eu não ligava e nem gostava de falar sobre.
Ad. 2	- Sim, ajudou a expandir minha mente, e ver que nem tudo é como a gente pensa, então é sim muito importante.
Ad. 3	- Sim, creio que desenvolvi métodos para relação interpessoal e não ser tão tímido. Passei a ter mais empatia. E claro, passei a ler 100% mais do que eu lia.
Ad. 4	- Sim, as atividades têm sido importantes, pois comecei a ler mais, e isso influenciou e melhorou a minha escrita e leitura. Comecei a me comunicar mais e isso me ajudou muito falar em público, pois comecei a usar mais a linguagem formal.
Ad. 5	- A interação e comunicação.

Os adolescentes 1 e 2 apresentam em suas respostas indicadores de aparecimento do senso crítico e capacidade de julgamento, por meio dos termos: “mente aberta” e “expandir minha mente”. Em Papalia e Feldman (2013) temos que a maturação cerebral ainda não está completa na adolescência, ela ainda passa por surtos de crescimento até o início da fase adulta. O adolescente tende a usar mais amígdala para tomar decisões e fazer julgamentos, pois a área frontal responsável pelo planejamento e julgamento ainda não está pronta, mas pode ser estimulada por meio de desafios. Conforme as autoras

a estimulação cognitiva na adolescência faz uma diferença crítica no desenvolvimento do cérebro. O processo é bidirecional: as atividades e as experiências dos adolescentes determinam quais conexões neuronais serão mantidas e fortalecidas, e este desenvolvimento serve de base para o crescimento cognitivo naquelas áreas (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 394).

Aberastury e Knobel (1981) afirmam que a intelectualização pode ser um caminho trilhado pelo adolescente no entendimento de seus dilemas quanto à identidade, como se buscasse um lugar seguro. A autora defende que a presença de grupos pode ser acolhedora, pois nesta situação o adolescente sente que não está tão sozinho e percebe que outros vivem os mesmos dilemas dele.

Bee & Boyd (2011) salientam que as amizades entre adolescentes tornam-se cada vez mais íntimas e verdadeiras, o adolescente sente-se seguro nas amizades para compartilhar segredos e sentimentos interiores. O papel dos grupos de pares na adolescência, conforme as autoras, é auxiliar como veículo para a transição da terceira infância, fase de proteção e cuidados familiares para a fase adulta cheia de responsabilidades. É possível que o adolescente confie mais em seus pares do que em seus pais. Neste sentido, o Projeto Social Ponto de Leitura Marista Sul aparece como um lugar de encontro dos pares, de problematização e intelectualização das angústias vividas por estes adolescentes, bem como de acolhimento a eles.

Sifuentes, Dessen e Oliveira (2007) falam sobre o caráter dinâmico entre o desenvolvimento humano e o processo de socialização que envolve as relações, neste sentido, os membros de uma cultura a influenciam e são influenciados por ela. Rego (1995) defende o ponto de vista de Vygotsky ao postular que o desenvolvimento é um processo que deve considerar os aspectos biológicos e que



estes se transformam em culturais. O adolescente, portanto, se constitui como um sujeito interativo e, neste processo, utiliza a fala como um instrumento para organizar o pensamento.

(...) o desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social. Assim, o desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelo outro (REGO, 1995, p. 61).

O Projeto Social Ponto de Leitura Marista Sul buscou, por meio de atividades culturalmente significativas que valorizam as vivências e as experiências da própria cultura adolescente, ressignificá-la. Inclusive, com o uso da literatura e do debate, promoveu o pensamento crítico ampliando, complexificando e diversificando os conhecimentos destes adolescentes.

As falas “passei a ler mais” e “passei a ler 100% mais do que eu lia”, refletem a interação da cultura adolescente com o conhecimento que é patrimônio histórico da humanidade e é possível graças ao ambiente socialmente interativo e de relação que é o do Projeto Social.

Em Freire (2008) vemos que o diálogo é educador. No rompimento com a verticalidade, o adolescente que frequenta o Projeto Social Ponto de Leitura pode problematizar suas angústias por meio das leituras e debates promovidos, já que: “ninguém educa a si mesmo (...), os homens se educam a si mesmos mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2008, p. 9).

Outro aspecto importante a ressaltar é que a qualidade da leitura que acontece no Projeto é diferente, pois está sempre sendo mediada pelo parceiro mais experiente. Em Papalia e Feldman (2013) temos que o hábito de leitura promove o vocabulário, estimula a imaginação e a indução de habilidades para a resolução de problemas.

Categoria 4 – Valores humanos adquiridos

Ad. 1	- Sabedoria, empatia, reciprocidade.
Ad. 2	- Força de vontade, autoconfiança, responsabilidade e principalmente empatia.
Ad. 3	- Empatia, gratidão, respeito com o outro... positividade.
Ad. 4	- Conhecimento, pois muitas palavras eu não conhecia, o respeito, comecei a respeitar a diferença dos outros, e, por fim, me tornei mais responsável, pois os livros que eu pego emprestado são emprestados para outras pessoas também.
Ad. 5	- Respeito, humildade.

Na tabela de respostas sobre os Valores Humanos percebe-se que a empatia foi expressa por todos os adolescentes que frequentam o Projeto. A resposta: “(...) comecei a respeitar a diferença dos outros (...), também reflete de forma simples a atitude empática que foi desenvolvida ao logo das vivências no Projeto Social”.

Bee e Boyd (2011) afirmam que a empatia envolve dois aspectos: a compreensão das emoções do outro passando pela combinação do próprio estado emocional.

O encorajamento de atitudes altruístas promovido pelo Projeto Ponto de Leitura Marista Sul se reflete tanto por meio de raciocínio lógico, como por meio de raciocínio moral. Já em Papalia e Fedman



(2013) vemos que o grupo de pares, através de debates sobre conflitos morais, também influencia no aparecimento de raciocínio moral, inclusive de nível mais alto. Outro aspecto observado é que ambientes educacionais podem servir ao adolescente como lugar de ampliar horizontes intelectuais e sociais.

Sifuentes, Dessem e Oliveira (2011) esclarecem que as escolhas do sujeito podem ser feitas dentro de padrões sociohistóricos, eles citam o caráter ensinador das relações. Trazendo para a adolescência, observa-se que o falar sobre valores morais por meio da leitura e do debate promove esse raciocínio moral avançado, como foi observado nas respostas dos adolescentes, contradizendo a expectativa de que o adolescente da periferia tende a repetir os comportamentos violentos daquele ambiente.

No **Questionário aos pais** foram analisadas as categorias relatadas a seguir:

**Categoria 1: Mudança após estar participando do projeto**

P. 1	Sim. Mais carinhosa, sempre com bom humor dentro de casa, gosta de ler, amiga do grupo, fica esperando a hora de buscar outro livro.
P. 2	Sim, não gostava de sair de casa agora vai para o projeto com muita alegria. Gosta de ajudar nas festas, gosta de ler, de participar do grupo, está animado com os estudos.
P. 3	Sim. É um filho carinhoso e melhorou muito a atenção com o irmão e os pais, é muito comunicativo, na escola gosta de participar de tudo é um bom aluno.

As respostas dos pais que aceitaram participar do questionário refletem a alegria dos adolescentes e o gosto pela leitura, apontando mais uma vez como é importante a presença dos pais, seu envolvimento com a intelectualização e amizade.

A tendência à intelectualização em adolescentes pode acontecer como um caminho para superar a incapacidade de ação que ficou após a saída do lugar de criança que a infância proporcionava. A intelectualização, inclusive, pode superar a onipotência fantasística dos pais de infância. Para o adolescente a solução teórica é um caminho para os problemas que enfrentará logo mais: amor, trabalho, liberdade, matrimônio, filosofia, religião.

Aberastury e Knobel (1981) também apontam que os grupos por interesse são lugares em que o adolescente vai poder perceber que não está sozinho. Nesse sentido, estes grupos possibilitam um acolhimento que os adolescentes nem sempre encontram em seu meio familiar. Tais grupos proporcionam prazer e aprendizado.

Papalia e Feldman (2013) afirmam que as amizades ocupam lugar de importância na adolescência e a quantidade de tempo vivenciado com amigos, conforme as autoras, é maior do que em qualquer outra fase do ciclo vital, inclusive, as amizades podem se tornar mais recíprocas e verdadeiras.



Categoria 2: O que você gostaria de falar do projeto

P. 1	Todo adolescente deveria participar
P. 2	Recomendo a todos os adolescentes participarem. Ajuda na formação, no respeito com o próximo.
P. 3	É um projeto muito bom, incentiva o adolescente para os estudos.

Percebemos, então, que os pais dos jovens incentivam o projeto, pois acreditam que este auxilia na formação, nos estudos e no conhecimento de seus filhos. Enfatizam as relações estabelecidas, o respeito com o próximo. Vigotski destaca que: “o comportamento do homem é formado por peculiaridades e condições biológicas e sociais de seu crescimento” (2001, p. 63). A interação social desempenha papel muito importante na formação individual, sendo assim devemos admitir que o processo de aprendizagem necessita de processos interativos.

Pode se dizer que a partir do momento em que uma criança nasce ela já está se relacionando e se familiarizando com o ambiente em que está inserida. Assim, a aprendizagem não acontece de modo isolado, pois a partir do momento que o indivíduo convive com outras pessoas, realiza troca de informações e esta interação tem papel muito importante em seu desenvolvimento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa quantitativa apresentaram dados a princípio negativos para a qualidade de vida dos adolescentes que frequentam o Projeto Social Ponto de Leitura Marista Sul no caso do grupo de controle, se considerarmos o intervalo de confiança = 80%. Levantaram-se as seguintes hipóteses a partir da análise dos dados: o grupo de controle apresentou maiores índices para a prática de atividades físicas e também apresentou uma faixa etária menor que o grupo de intervenção. Outro aspecto que pode ser elencado é a maturidade que o grupo de intervenção demonstrou em respostas ao questionário qualitativo, podendo sugerir maior consciência do grupo de intervenção para responder ao questionário de qualidade de vida (WHOQOL-bref).

Quanto à análise qualitativa observou-se a importância do trabalho realizado junto aos adolescentes do Setor Marista Sul em Aparecida de Goiânia. Os dados sugerem que os adolescentes apresentam linguagem avançada para seu momento maturacional, dando indícios que tanto a leitura como os debates promovidos pelo educador do Projeto proporcionaram estímulos às habilidades de abstração, raciocínio lógico e moral. Além disso, os participantes do projeto ampliaram seus vocabulários e fomentaram suas percepções críticas sobre si mesmos e sobre a realidade que os cerca.

O hábito da leitura citado pelos adolescentes e confirmado pelos pais em entrevista mostrou ser um possível caminho à intelectualização, o que pode ajudar os jovens a problematizar suas vivências, bem como estimular a criatividade e o raciocínio lógico.

Há possibilidade de estudos posteriores oferecerem mais dados sobre o trabalho realizado pelo Projeto Social Ponto de Leitura Marista Sul, pois com poucos dados coletados na entrevista observou-



se certa riqueza subjetiva que testes objetivos se mostrariam insuficientes para mensurar. Estudos longitudinais no campo poderão contribuir com pesquisas posteriores, garantido o lugar e a importância que os Projetos Sociais têm ao envolver adolescentes que estão em situação de vulnerabilidade social.



## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre, RS: Artmed, 1981.
- BEE, H.; BOYD, D. A Criança em Desenvolvimento. 12ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social Política Nacional de Assistência Social – PNAS, 2005. Disponível em: <[http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Normativas/PNAS2004.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2017.
- BRETAS, J. R. da S. et al. Os rituais de passagem segundo adolescentes. Acta Paul. Enferm., São Paulo, v. 21, n. 3, p. 404-411, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002008000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002008000300004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 jun. 2018.
- BRUNES, A.; GUDMUNSDOTTIR, S. L.; AUGESTAD, L. B. Associações específicas de gênero entre atividade física de lazer e sintomas de ansiedade: o estudo HUNT. Soc. Psychiatry Psychiatr. Epidemiol., v. 50, n. 3, p. 419-427, mar. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s00127-014-0915-z>>.
- BUENO, C. de O.; STRELBOV, M. R. W.; CÂMARA, S. G. Inserção em Grupos Formais e Qualidade de Vida entre Adolescentes. Psico USF., Rio Grande do Sul, v. 15, n. 3, p. 311-320, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psuf/v15n3/v15n3a05.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017.
- CAMPOS, A. C. V. et al. Emponderamento e Qualidade de Vida de Adolescentes Trabalhadores Assistidos por uma Entidade Filantrópica de Apoio ao Adolescente. Saúde e Soc., São Paulo, v. 23, n. 1, p. 238-250, jan./mar. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902014000100238](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902014000100238)>. Acesso em: 10 out. 2017.
- COUTINHO, L. G. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. Pulsional Revista de Psicanálise, v. 17, n. 181, p. 13-19, 2005. Disponível em: <[http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/181\\_02.pdf](http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/181_02.pdf)>. Acesso em: 05 maio 2018.
- CRONBACH, L. Fundamentos da testagem psicológica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CRUZ, L. do N. Medidas de Qualidade de Vida e Utilidade em uma Amostra da População de Porto Alegre. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/69911>>. Acesso em: 10 out. 2017.
- EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. Adolescência e Saúde, v. 2, n. 2, p. 6-7, 2005. Disponível em: <[http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=167](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167)> Acesso em: 10 out. 2017.
- FLECK, M. P. de A. et al. Problemas Conceituais em Qualidade de Vida. A avaliação de qualidade de vida: guia para profissionais da saúde. Porto Alegre: Artmed, v. 2008, p. 19-28, 2008.
- FREIRE, P. A importância do ato de ler: três artigos que se completam. 49 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.



HANAVER, F. J. Impacto da informática nas relações humanas. 2005

KNOBEL, M. Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1991. Disponível em:

<[https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/psicologia/psicanalise/adolescencia-normal-um-enfoque-psicanalitico-3035977?id\\_link=13574&gclid=Cj0KCQjw95vPBRDVARIsAKvPd3J1fbh8XdeyJ4KUDOmVrYGR1MsYp3Ygwf4CkQajQMsmYZCGsm3fKywaAj4SEALw\\_wcB](https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/psicologia/psicanalise/adolescencia-normal-um-enfoque-psicanalitico-3035977?id_link=13574&gclid=Cj0KCQjw95vPBRDVARIsAKvPd3J1fbh8XdeyJ4KUDOmVrYGR1MsYp3Ygwf4CkQajQMsmYZCGsm3fKywaAj4SEALw_wcB)>. Acesso em: 10 out. 2017.

KOGA, Dirce. Medidas de cidades: entre territórios de vida e territórios vividos. São Paulo: Cortez, 2003.

LIRA, J. B.; DIMENSTEIN, M. Adolescentes Avaliando um Projeto Social em uma Unidade Básica de Saúde. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 9, n. 1, p. 37-45, abr. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722004000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 out. 2017.

MARTINS, M. H. O que é leitura. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MATOSSO, R. Tecnologia x Sedentarismo, 2010. Disponível em: <<http://saladatextual.wordpress.com/2010/04/04/tecnologia-x-sedentarismo/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Saúde Reprodutiva de Adolescentes: uma estratégia para ação. OMS: Genebra, 1989. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03\\_11.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_11.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2017.

PAPALIA, D.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento Humano. 12ª Edição. Porto Alegre: Editora AMGH, 2013.

PAULINO, G. Tipos de textos, modos de leitura. São Paulo: Formato, 2001.

PIRES, L. et. al. Qualidade de Vida de Adolescentes Modelos Profissionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 71-76, jan./mar. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722012000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722012000100009)>. Acesso em: 10 out. 2017.

REGO, T. C. Vygotsky: uma perspectiva histórico cultural da educação. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

ROCHA, T. G. da; KASTRUP, V. Partilha do sensível na comunidade: interseções entre psicologia e teatro. [online]. *Estud. psicol.*, Natal, v. 13, n. 2, p. 97-105, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2008000200001>>.

SAVIANI, D. As concepções pedagógicas na história da educação brasileira. Texto elaborado no âmbito do projeto de pesquisa “O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil” financiado pelo CNPq, para o “projeto 20 anos do Histedbr”. Campinas, 25 de agosto de 2005.

SCHNEIDER, J. A.; ANDRETTA, I. Habilidades Sociais de Usuários de Crack em Tratamento nas Comunidades Terapêuticas: Relação com Características Sociodemográficas e de Padrão de Consumo. *Rev. Colomb. Psicol.*, Bogotá, v. 26, n. 1, p. 83-98, jun. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0121-546920170001000083&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-546920170001000083&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 maio 2018.



SENN, S. R.; DESSEN, M. A. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 28, n. 1, p. 101+, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/20840/14892>>. Acesso em: 05 maio 2018.

SIFUENTES, T. R.; DESSEN, M. A.; OLIVEIRA, M. C. S. L. de. Desenvolvimento humano: desafios para a compreensão das trajetórias probabilísticas. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]., v. 23, n. 4, p.379-385, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722007000400003>>.

SOARES, A. H. R. et al. Qualidade de Vida de Crianças e Adolescentes: Uma Revisão Bibliográfica. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, p. 3197-3206, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232011000800019](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000800019)>. Acesso em: 10 out. 2017.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKY, L. S. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.